

Aumento passageiro

DANIELE CAMBA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Os analistas não param de revisar para cima as previsões de inflação para este e o próximo mês. O boletim Focus, do Banco Central, divulgado ontem, mostra que a maioria das 100 instituições financeiras que participam da pesquisa elevou as projeções dos principais índices de inflação. Os analistas esperam que o IPCA (índice usado no acordo de metas do Brasil com o Fundo Monetário International) de janeiro fique em 0,70%. Há uma semana tal projeção era de 0,65% e há quatro, de 0,60% (veja gráficos abaixo). O mesmo acontece para fevereiro.

Apesar dessas consecutivas revisões para cima, os especialistas afirmam que esse repique da inflação é pontual. Por isso, não justifica a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom), na reunião da semana passada, de manter a taxa básica de juros (Selic) em 16,5% ao ano, interrompendo uma sequência de nove cortes.

"Esses números mais altos nos primeiros dois meses do ano não caracterizam um processo de pressão inflacionária para o resto do ano. A inflação só ficará maior agora, graças ao reajuste das tarifas públicas e dos materiais e mensalidades escolares, que não deve se perpetuar pelos próximos meses de 2004", disse o sócio da Foresee Asset Management, João Luiz Mascolo.

O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, disse ontem, na cidade de São Paulo, que é preciso "parar e observar" os movimentos da economia antes de haver um novo corte nos juros. Na sua opinião, os efeitos das quedas da Selic em 2003 ainda não se refletiram por inteiro na economia.

Sem mudança

A prova de que os analistas realmente acreditam que a inflação permanecerá sob controle pelos próximos meses é que as projeções para todo este ano permanecem inalteradas. Para este ano, as estimativas são de que o IPCA seja de 5,99% e de 5% em 2005. O analista da consultoria financeira Global Invest, Alessandro Agostini, lembra que os índices acumulados caíram drasticamente. Em maio do ano passado, o IPCA dos últimos 12 meses chegou a 17,2%, e em dezembro, sete meses depois, era de 9,3%.

Pelas suas projeções, o IPCA acumulado deve fechar este mês em 7,6% e em 5,6% até o meio do ano. Segundo Agostini, a única explicação razoável para a decisão do Copom de manter os juros é estar vislumbrando que pelo andar da carruagem há um forte

risco de a inflação ultrapassar a meta acordada com o FMI, que este ano é de 5,5% podendo oscilar 2,5 pontos para baixo ou para cima. "Tirando isso, qualquer outra justificativa é história para boi dormir", completou Agostini. Quinta-feira, o BC divulga a ata com o conteúdo da última reunião do Copom.

Conforme o sócio da Foresee, a decisão de comprar dólares para recompor as reservas do país, provavelmente, levou o Copom a não mexer nos juros. O raciocínio é o seguinte: para comprar dólar o governo acaba emitindo moeda (reais) e jogando-a no mercado. Para tirar esse excesso de reais de circulação e assim evitar pressão inflacionária, o governo emite títulos públicos. Para que os títulos sejam comprados, a taxa de juros precisa continuar em um patamar que atraia compradores.

Números cabalísticos

Na visão do economista do banco Fibra, Guilherme da Nóbrega, o fato das projeções de inflação para o fim do ano não subirem não significa muita coisa. "Diferente do ano passado, ninguém

tem informações suficientes de como será o longo prazo. As projeções são muito mais números cabalísticos do que qualquer outra coisa", disse Nóbrega. Ele lembra que o ano passado já era certo que a economia não ia crescer. Já agora, sabe-se que haverá crescimento, só não se sabe quanto e quais as consequências disso na inflação, por exemplo.

Apesar da permanência da taxa de juros em 16,5% na última reunião do Copom, as instituições financeiras mantêm a posição de que a Selic deve fechar o mês em 16% ao ano, ou seja, um corte de meio ponto percentual,

e em fevereiro meio ponto mais baixa, em 15,5% ao ano.

Segundo o economista Agostini, da Global Invest, boa parte das projeções do último boletim Focus ainda não reflete a decisão que o Copom tomou na quarta-feira de manter os juros. "Tenho certeza que os números não serão tão otimistas no próximo relatório do BC." As projeções da taxa Selic para o fim deste ano, no entanto, já subiram de 14,5% para 14,71% ao ano.

Para o economista do banco Fibra, pela falta de clareza sobre os indicadores da economia, dá para atender a posição do BC de estancar, mesmo que temporariamente, o processo de queda dos juros. No entanto, poderia ter feito isso com um corte de meio ponto, que se configuraria como uma "parada técnica" dos juros, sem o efeito negativo que a manutenção em 16,5% gerou no psicológico da sociedade, que esquentava os motores para o reaquecimento econômico.

66
**ESSES NÚMEROS
MAIS ALTOS NÃO
CARACTERIZAM
PRESSÃO
INFLACIONÁRIA
PARA O RESTO DO
ANO. A INFLAÇÃO
SÓ FICARÁ MAIOR
AGORA, GRAÇAS
AO REAJUSTE DAS
TARIFAS PÚBLICAS
E DOS MATERIAIS
E MENSALIDADES
ESCOLARES**

João Luiz Mascolo, sócio da Foresee Asset Management

Jefferson Rudy 24.12.03



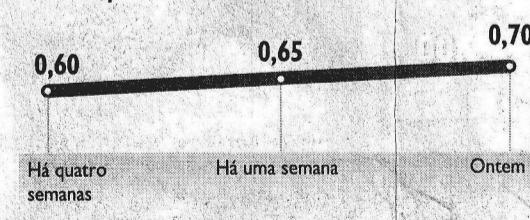
PALOCCI: É PRECISO PARAR E OBSERVAR OS MOVIMENTOS DA ECONOMIA ANTES DE HAVER UM NOVO CORTE NOS JUROS

O QUE PREVÊ O MERCADO

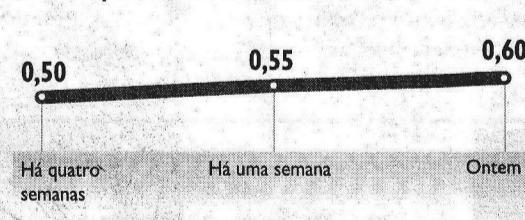
Como estarão inflação e balança comercial, segundo analistas de instituições financeiras

INFLAÇÃO

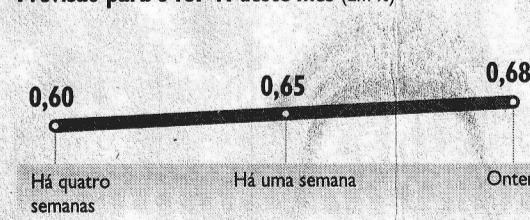
Previsão para o IPCA deste mês (Em %)



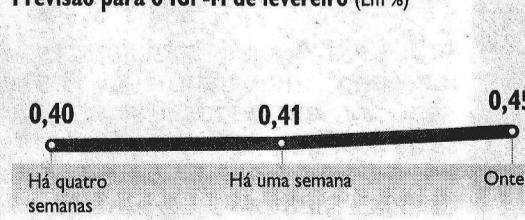
Previsão para o IPCA de fevereiro (Em %)



Previsão para o IGP-M deste mês (Em %)

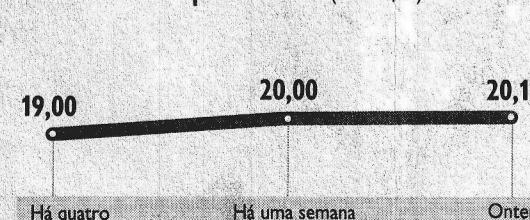


Previsão para o IGP-M de fevereiro (Em %)



BALANÇA COMERCIAL

Previsão de saldo para este ano (Em US\$ bi)



Previsão para 2005 (Em US\$ bi)



Fonte: Focus, Boletim do BC